



«De profundis, valsa lenta»

Rui Soares Costa.

16 a 20 de Julho de 2022.

Galeria das Salgadeiras. Arte Santander.

Rui Soares Costa tem vindo a explorar múltiplos suportes e utensílios na sua prática artística, fortemente influenciada pelo Desenho não só enquanto disciplina, antes, e sobretudo, pelo que de pensamento e reflexão daí resultam. Do ponto de vista formal, é assumida essa pesquisa como uma expansão do território onde o Desenho se insere, interrogando-se sobre as próprias categorizações mais convencionais desta expressão artística. Por outro lado, o Tempo enquanto assunto e matéria tem sido uma das temáticas a que Rui Soares Costa mais tem desenvolvido no seu percurso artístico. Pelas suas mãos, o Tempo, essa entidade abstracta, tem vindo a ser perscrutado e representado em objectos visuais recorrendo a suportes múltiplos e a diferentes ferramentas, sejam eles papel, madeira, fogo, açúcar, verniz, caneta ou buril. Em «De profundis, valsa lenta» concentram-se estes dois eixos formais e programáticos com as suas sucessivas camadas de matéria, fogo, papel e resinas.

Porém «De profundis, valsa lenta» remete-nos ainda para o livro homónimo de José Cardoso Pires [Portugal, 1925-1998] onde este relata o período da sua vida em que perdeu a memória e a sua capacidade de falar ficou bastante debilitada. Estando “analfabeto de mim e da vida” é essa busca de outros signos, de outras formas de comunicar, de sobreviver a uma “morte” que Cardoso Pires aqui tenta testemunhar. É nesse outro-lugar para além da comunicação “stricto senso”, nessa não- consciência que, ainda assim, se tentar dotar de algum Cartesianismo que se cruza o universo literário de José Cardoso Pires e o universo artístico de Rui Soares Costa.

Ana Matos

Lisboa, Julho de 2022



«De profundis, valsa lenta»

Rui Soares Costa.

16 al 20 de Julio de 2022.

Galeria das Salgadeiras. Arte Santander.

Rui Soares Costa ha venido explorando soportes y utensilios en su práctica artística, fuertemente influenciada por el Diseño no solo como disciplina, así como por el pensamiento y la reflexión que de allí resultan. Del punto de vista formal asume esa búsqueda como una expansión del territorio donde el Diseño se inserta, interrogándose sobre las categorizaciones más convencionales de esta expresión artística. Por otro lado, el Tiempo como asunto y materia ha sido una de las temáticas que Rui Soares Costa más ha desarrollado en su camino artístico. En sus manos, el Tiempo, esa entidad abstracta, ha venido a ser escrutado y representado en objetos visuales recurriendo a múltiples soportes y a diferentes herramientas, tales como papel, madera, fuego, azúcar, esmalte, bolígrafo o cizallador. En "De profundis, valsa lenta" se concentran estos dos ejes formales y programáticos con las sucesivas capas de materia, fuego, papel y resinas.

No obstante, "De profundis, valsa lenta" nos remite al libro homónimo de José Cardoso Pires (Portugal, 1925-1998) donde relata el período de su vida en que perdió la memoria y su capacidad para hablar quedó bastante disminuida. Estando "analfabeto de mí y de la vida" es esa búsqueda de otros signos, de otras formas de comunicarse, de sobrevivir a una "muerte" que Cardoso Pires intenta testimoniar. Es en ese otro lugar, más allá de la comunicación "stricto censo", en esa no conciencia que, incluso, se intenta dotar de algún Cartesiano que cruza el universo literario de José Cardoso Pires y el universo artístico de Rui Soares Costa.

Ana Matos

Lisboa, Julio 2022

Traduzido por: Sebastián Rodolfo Peña